

PANDEMIA DO CORONAVÍRUS



Sob pressão. Médicos acompanham pacientes internados no hospital do M'Boi Mirim: número de leitos de UTI subiu de 20 para 140 e, mesmo assim, ocupação está na casa dos 70%

Na periferia, até ala infantil vira UTI para covid-19

'Estadão' acompanhou rotina no hospital do M'Boi Mirim; sem conseguir se isolar, doentes chegam ao hospital em estado grave

Fabiana Cambricoli

Na parede, a pintura com desenhos coloridos de peixinhos, serpies e outras figuras do fundo do mar contrasta com a realidade chocante observada por quem entra naquela sala do Hospital do M'Boi Mirim, no Jardim Ângela, extremo sul de São Paulo. Logo no primeiro leito está João, de 59 anos, covid-19 positivo, entubado, com cinco bombas de infusão de medicamentos ligadas ao corpo e sendo preparado para uma sessão de diálise. Nos leitos ao seu lado e à sua frente estão outros adultos em situação semelhante, todos infectados pelo coronavírus e em estado grave.

de observação para crianças que chegavam ao pronto-socorro do hospital — por isso os desenhos na parede. Hoje, a ala opera como Unidade de Terapia Intensiva (UTI) para adultos com covid-19.

O mesmo aconteceu com os leitos de observação do PS adulto. E com quatro salas do centro cirúrgico. E também com o setor de recuperação pós-anestésica. E até com o estacionamento.

• Drama
"Ninguém aqui quer ter de acordar um dia e decidir quem vai ter vaga na UTI, quem vai ter uma chance de sobreviver."

Fabiana Rolla
DIRETORA DO HOSPITAL MUNICIPAL DO M'BOI MIRIM

Desde março, com doações e reformas, o hospital conseguiu aumentar de 20 para 140 o número de leitos de UTI para adultos. Outros 80 devem ser abertos na próxima semana. Mas o número de internações, principalmente as de pacientes mais graves, tem crescido a uma velocidade assustadora.

Desde março, com doações e reformas, o hospital conseguiu aumentar de 20 para 140 o número de leitos de UTI para adultos. Outros 80 devem ser abertos na próxima semana. Mas o número de internações, principalmente as de pacientes mais graves, tem crescido a uma velocidade assustadora. Desde março, com doações e reformas, o hospital conseguiu aumentar de 20 para 140 o número de leitos de UTI para adultos. Outros 80 devem ser abertos na próxima semana. Mas o número de internações, principalmente as de pacientes mais graves, tem crescido a uma velocidade assustadora.



Improviso. Sala infantil piso vermelho e desenhos na parede

dobro do registrado três semanas antes. Outros 93 estavam em leitos de enfermaria. Com exceção da maternidade do hospital, que segue funcionando, todos os demais leitos foram transformados em espaços para covid. Há uma semana, com a escalada de internações na cidade, o hospital fechou o pronto-socorro adulto. Só aceita transferências de outras unidades ou emergências. Como em alguns hospitais municipais que não tiveram expansão, a UTI já chegou ao limite ou está com 90% de sua ocupação, o M'Boi Mirim, cuja taxa de ocupação da UTI estava em 70%, virou referência não só para a zona sul, mas para toda a cidade. São, em média, de 30 a 60 novas admissões por dia.

"Se a gente não tivesse feito essa expansão, já teríamos co-

lapsado em março. Todo meu esforço é para preparar o hospital para que a gente não chegue ao ponto de ter de escolher. Tenho dormido menos. Vou dormir pensando na covid-19. Sono com a covid-19. É a maior pressão da carreira de cada um aqui", diz Fabiana Rolla, diretora do hospital.

Gravidade. Se a pandemia já é preocupante pela velocidade da transmissão e pelos danos que o vírus é capaz de causar no corpo, na periferia ela assume ares ainda mais cruéis. Ao infectar uma população sem condições econômicas e habitacionais de fazer isolamento, com doenças crônicas descompensadas e sem acesso fácil a médicos aos primeiros sinais da doença, o coronavírus faz com que muitos dos pacientes che-

guem ao Hospital do M'Boi Mirim já em estado muito grave.

"Esta é a área da cidade com a maior carência de leitos e com um dos menores IDHs (Índice de Desenvolvimento Humano). Muita gente aqui vive em área de ocupação. São pessoas que não têm condições de ter os cuidados ideais de saúde, muitos jovens com doenças crônicas não tratadas, muita gente que não pode parar de trabalhar na rua. O isolamento faz uma grande diferença e eles não têm essa opção", relata Fabiana.

Médico responsável pelo pronto-socorro do hospital, Luis Fernando Faixa já estava habituado a atender muitos pacientes graves no plantão. Casos de AVC, acidentes de trânsito e violência eram comuns, mas não na dimensão do que ele vê hoje. "Já tive que entubar oito pacientes em um único dia. Isso é muito fora do normal, mesmo para uma emergência. Esses pacientes não têm um médico de rotina para consultar logo no início dos sintomas, então eles chegam graves. Já recebi paciente com oxigenação de 46%. Isso é chocante", conta.

"O perfil da nossa UTI mudou. Hoje ela está praticamente tomada por doentes em estado absolutamente crítico. Antes da pandemia, tínhamos, em média, 40% dos pacientes de UTI entubados. Com a covid-19, esse índice chega a 90%. O percentual de doentes que precisam de diálise passou de 15% para 50%. É assustador", diz Fabiana.

Moradia precária faz famílias adoecerem



• Internações. Antonio Bento Ferraz, médico diarista da UTI

Na periferia, é mais comum a proliferação da doença entre moradores da mesma casa, situação comum no Jardim Ângela, onde parte significativa da população vive em moradias precárias. O Hospital do M'Boi Mirim é responsável pelo atendimento de 1,3 milhão de moradores de uma região com o maior número de domicílios em favelas. Juntos, os distritos das subprefeituras do M'Boi Mirim e do Campo Limpo têm 10 mil moradores nessa situação, segundo a Secretaria Municipal da Habitação. Sem condições ideais para o isolamento, são cada vez mais frequentes casos de dois ou mais membros de uma família

internados ao mesmo tempo. "A gente vê falecer um pai e um filho, um casal. Tem de passar o boletim médico para um neto porque a mãe está internada e a avó também. É muito difícil", relata Antonio Bento Ferraz, médico diarista da UTI.

No dia da visita do Estadão, a equipe lidava com ao menos dois casos do tipo. Em um deles, mãe e filha estavam juntas na UTI. No outro, um casal estava hospitalizado na mesma unidade quando o marido não resistiu. A esposa, em condição crítica, permaneceu na UTI sem saber da perda do companheiro.

Passar tantas notícias tristes por boletins médicos à distân-

cia, sem detalhar a situação nem acolher o familiar, tem castigado a equipe do M'Boi Mirim. Tanto que a direção do hospital adotou um protocolo para permitir que parentes possam entrar na UTI para se despedir de familiares em estado muito grave, quando já não há muitas esperanças.

As autorizações são dadas geralmente para familiares jovens, sem fator de risco. Eles têm de assinar um termo de consentimento e tomar precauções. "A família usa todos os equipamentos de proteção individual. É uma tentativa de continuarmos a humanização nesse final de vida. É a única chance de despedida porque os cuícos saem daqui lacrados", explica Felipe Piza, coordenador médico do departamento de pacientes graves.

A interrupção de ações de humanização da UTI do M'Boi Mirim foi uma das mudanças que mais abalará a equipe. "O ambiente ficou mais frio. Agora o que prevalece são os apitos dos aparelhos", diz Juliana Anacleto, coordenadora de enfermagem das UTIs. A intensidade dos sons impressiona. Por causa da gravidade dos doentes, os apitos são muito mais frequentes e incômodos. "O monitor, o respirador e as bombas de infusão emitem esses sons. Quanto mais grave o paciente, mais aparelhos estarão ligados nele e mais apitos vamos ouvir. Na UTI temos média de uso de três ou quatro bombas de infusão de medicamentos por paciente. Na covid, chegamos a 12." **FC.**

Medo do desemprego

FRENTISTA BUSCOU AJUDA SÓ NA FOLGA

Trabalhadores demoram para procurar hospitais



Recelo. Saraiva deixou para ir ao PS no dia de sua folga

Jovem e sem histórico de doença crônica, o frentista-caixa Roberto Saraiva, de 32 anos, só levou a covid-19 a sério quando veio a falta de ar. "Não vou mentir para você. Eu achei que esse vírus não era nada. Percebi algo estranho quando fiquei cansado só por subir a escada de casa", diz.

Mesmo com o desconforto respiratório, esperou três dias para procurar um hospital. Formado de perder o emprego, preferiu aguardar a data da folga para buscar assistência. "Estão mandando muita gente embora no meu

serviço e eu não queria problema", se explicou.

Morador do Jardim Ângela, Saraiva procurou o Hospital do M'Boi Mirim no dia 7 de maio e foi internado. "Como eu estava com falta de ar e febre, já me colocaram no oxigênio. Fiquei com medo de ficar mais grave, ser entubado", conta. Sete dias depois, quando o Estadão conversou com Saraiva, ele já conseguia respirar sozinho e tinha acabado de receber alta.

Saraiva ficou internado em um dos quartos do novo setor de doentes com covid-19. O prédio, de dois andares e cem leitos

de enfermaria, foi construído em 23 dias em um terreno que abrigava um estacionamento. A obra foi bancada pelo Hospital Albert Einstein, Ambev e Gerdau.

Cada dormitório tem seis leitos. Uma cortina separa uma cama da outra. Os doentes não têm muito espaço nem privacidade, mas elogiam o atendimento. "Não temos hotelaria cinco estrelas, mas temos todos os recursos para tratar o paciente com dignidade", diz Fabiana Rolla, diretora do hospital.

Ela diz que boa parte os pacientes tem histórias semelhantes à de Saraiva: não podem trabalhar remotamente, seja por ocuparem funções em serviços essenciais ou ainda por atuarem como autônomos.

Um dos companheiros de quarto de Saraiva, o gerente administrativo Pedro Correa Santos, de 47 anos, também não pôde deixar de trabalhar presencialmente e acredita ter sido infectado nas idas e vindas ao trabalho. "Fui três vezes em uma UBS (unidade básica de saúde) com sintomas, mas me mandavam de volta para casa. Como não melhorava, na terceira vez eu me encaminhei para o pronto-socorro da Lapa, que me mandou para cá. Quando você não consegue respirar, bate o desespero", diz. **FC.**

FOTOS: WETHER SANTANA/ESTADÃO